

COLÉGIO PEDRO II

**Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e
Cultura
Ensino de História da África**

MARCELA CARNEIRO DE LIMA

**A LITERATURA INFANTIL NEGRA COMO
INSTRUMENTO DE RESGATE DA IDENTIDADE RACIAL**

Rio de Janeiro
2023



MARCELA CARNEIRO DE LIMA

**A LITERATURA INFANTIL NEGRA COMO INSTRUMENTO DE RESGATE DA
IDENTIDADE RACIAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História da África, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de História da África.

Orientador (a) Professor (a) Dra. Camila Machado de Lima

Rio de Janeiro
2023

COLÉGIO PEDRO II

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA

BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER

CATALOGAÇÃO NA FONTE

L732 Lima, Marcela Carneiro de

A literatura infantil negra como instrumento de resgate da identidade racial / Marcela Carneiro de Lima. - Rio de Janeiro, 2023.

36 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de História da África) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Camila Machado de Lima.

1. História da África – Estudo e ensino. 2. Literatura infantil. 3. Crianças negras. 4. Identidade racial. 5. Antirracismo. I. Lima, Camila Machado de. II. Colégio Pedro II. III Título.

CDD 960

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB-7: 5692.

MARCELA CARNEIRO DE LIMA

**A LITERATURA INFANTIL NEGRA COMO INSTRUMENTO DE RESGATE DA
IDENTIDADE RACIAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História da África, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de História da África.

Aprovado em 07 de dezembro de 2023.

Orientadora: Profa. Dra. Camila Machado de Lima
Colégio Pedro II

Profa. Me. Gabriela dos Santos Coutinho
Colégio Pedro II

Profa. Me. Débora Cristina da Silva Cruz Conceição
Universidade Federal Fluminense

Rio de Janeiro

2023

Dedico este trabalho às minhas ancestrais, e às mulheres da minha vida, que muito fizeram para que eu pudesse chegar até aqui. Dedico às minhas e aos meus o reconhecimento da força, da coragem, e da resiliência que corre em nosso sangue negro.

AGRADECIMENTOS

Agradeço as mulheres da minha vida,

Agradeço as minhas ancestrais, pela força, coragem e sobretudo pela resiliência que perpassa pelas veias negras e nos conduzem a resistir e (re)existir.

Agradeço a minha pequena flor, Laura, por ser meu combustível e força impulsionadora. Que pela existência propicia o amor e juntamente a raiva, que juntos provocam a mudança necessária.

Agradeço a minha mãe, Valcir por me gerar, parir, alimentar. Obrigada pelo amor, carinho e educação. Obrigada por me ensinar a sempre acreditar!

Agradeço a minha prima Cleide pelo apoio e por me ensinar que na luta a gente se constrói.

Agradeço a minha amiga/irmã Paloma, por estar comigo nas maiores e menores distancias físicas. Obrigada pela parceria de vida, e pelo acalanto.

Obrigada a companheira de jornada Karem, por ser tanto na minha vida. Muito obrigada pelo que você é, e pelo que você faz. Nosso amor transcende regras sociais.

Obrigada Amanda, por ser o meu bem salvador. A universidade nos uniu e a maternidade nos selou.

Obrigada Carolina, companheira de trabalho que deixa meus dias mais leves e me incentiva a continuar.

Agradeço a professora Camila, por todo acolhimento, pelas sábias palavras e pelo combustível e compreensão.

Agradeço aos homens da minha vida,

Ao meu pai biológico Marcelo pela coragem de enfrentar o fogo e doar sua vida por outra.

Ao meu pai Claudemir, por me ensinar tanto sobre a vida.

Ao meu irmão Felipe, que sempre me apoiou e ajudou. Meu grande incentivador.

Ao meu companheiro e amor de uma vida, William, obrigada por sempre acreditar e me encorajar, obrigada por estar ao meu lado em todos os momentos, obrigada pela luz que ilumina a minha vida. Obrigada por existir. E que o nosso amor e parceria dure a eternidade.

Quando penso no passado, no tipo de coisas que me fizeram, sinto-me furioso, mas, mais uma vez, isso é apenas um sentimento. O cérebro sempre domina e diz-me: tens um tempo limitado de estada na Terra e deves tentar usar esse período para transformar o teu país naquilo que desejas.

Nelson Mandela

RESUMO

LIMA, Marcela Carneiro de. **A literatura infantil negra como instrumento de resgate da identidade racial**. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de História da África) - Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, 2024.

Este artigo consiste em apresentar e problematizar o processo de construção da identidade da criança negra em meio às relações raciais tecidas na escola e na sociedade. Buscamos desconstruir a concepção de que a história do povo negro se inicia e se finda na escravização de um povo capturado, encarcerado e transportado à força como cativos. A percepção de como esses objetos se entrelaçam ajudam-nos a entender que o caminho de conscientização pode ser construído através da literatura afetiva, buscando positivar o lado negro de cada criança bem como o passado escravocrata por meio de histórias de resistência, enaltecendo a inteligência e, sobretudo, a resiliência de um povo que foi cerceado e desumanizado. Compreendendo a literatura como instrumento educacional no qual podemos pensar e rever a infância de crianças negras e não negras para além de uma problemática social reducionista e excludente apresentamos propostas pedagógicas para uma sala de aula diversa.

Palavras-chave: Identidade. Literatura infantil negra brasileira. Educação antirracista.

ABSTRACT

LIMA, Marcela Carneiro de. **A literatura infantil negra como instrumento de resgate da identidade racial.** 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de História da África)- Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, 2024.

This article consists of presenting and problematizing the process of constructing the identity of black children in the midst of racial relations woven into school and society. We seek to deconstruct the conception that the history of black people begins and ends with the enslavement of a people captured, imprisoned and forcibly transported as captives. The perception of how these objects intertwine helps us to understand that the path to awareness can be built through affective literature, seeking to positiveize the dark side of each child as well as the slave past through stories of resistance, praising intelligence and, above all, the resilience of a people who have been restricted and dehumanized. Understanding literature as an educational instrument in which we can think and review the childhood of black and non-black children beyond a reductionist and exclusionary social problem, we present pedagogical proposals for a diverse classroom.

Keywords: Identity. Brazilian black children's literature. Anti-racist education

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Capa do Livro Obá Nijô: o rei que dança pela liberdade.....	24
Figura 2 - Capa do Livro A África que você fala.....	27
Figura 3 - Imagem retirada do livro: A África que você fala p.4.....	27
Figura 4 - Imagem retirada do livro: A África que você fala p.10.....	28
Figura 5 - Imagem retirada do livro: A África que você fala p.11.....	28
Figura 6 - Imagem retirada do livro: A África que você fala p.20.....	28
Figura 7 - Imagem retirada do livro: A África que você fala p.21.....	28

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA CRIANÇA NEGRA: QUE MEMÓRIAS ESTAMOS CONSTRUINDO?.....	13
3 LITERATURA AFROREFERENCIADA PARA (RE)EXISTÊNCIA: SOMOS DESCENDENTES DE RAINHAS E REIS, PRINCESAS E PRÍNCIPES	18
4 PROPOSTA PEDAGÓGICA	23
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	31
ANEXO A	33

1 INTRODUÇÃO

Utilizamos o conceito fundamental “o pessoal é político” base do feminismo negro onde o elo entre a experiência pessoal, individual e coletiva é fundamental. “A experiência pessoal, a experiência vivida e compartilhada é para nós, pesquisadores e pesquisadoras negras, uma evidência muito importante, já que é a base da nossa reflexão e teorização” (FIGUEIREDO, 2020, p. 9).

Este texto é fruto das experiências pessoais da autora, enquanto criança negra que resiste e (re)existe, mulher negra que resiste e vive, educadora negra e mãe de uma criança negra.

A ideia deste artigo inicia-se de ainda de forma embrionária no estágio obrigatório durante a graduação de licenciatura em Pedagogia, na educação infantil da rede privada. Em cada turma de atuação havia ao menos uma criança negra, e as demais não negras, num total de quinze crianças. No entanto, dentre tantas Mariah, uma menina negra cujo olhar de tristeza permanente ficou gravado, assim como a alegria de uma menina não negra, considerada socialmente o padrão de beleza, com seus olhos azuis, rosto angelical, pele branca, cabelos lisos e com grandes cachos nas pontas. Esta, diariamente elogiada, beijada e penteada pelas professoras mesmo sem precisar. Mariah, no entanto, nunca fora. Cheia de belezas, cabelos impecavelmente trançados, com um sorriso encantador mesmo que muito tímido. Percebi que por mais que eu sempre elogiasse e falasse de algum acessório, penteado ou lanche ela não ligava. Sempre pareceu-me ser o olhar e elogio da professora que lhe faltava.

Ao final da graduação o maternar de uma criança negra, experiência transcendental, sobretudo pelos encontros com a criança negra que fui, pelas crianças negras que cruzaram meu caminho, e pela criança negra que me move e transforma diariamente.

Já durante a pós-graduação, o atravessamento por ser uma mulher negra e mãe de uma criança negra encantadora e assediada diariamente desde a mais tenra idade. Hoje, no auge dos seus cinco anos vejo sua identidade sendo formada e atravessada pelo racismo presente em nossa sociedade, que quando não inviabiliza o ser negro e enoja-se pelo contato próximo assedia e toca o corpo fetichizado como se seu fosse, sem se quer pedir permissão.

A partir das mobilizações apresentadas, as quais mobilizam a escrita deste artigo os objetivos deste trabalho são:

Provocar a reflexão sobre o processo de construção da identidade da criança negra, seus atravessamentos e implicações.

A partir duma perspectiva crítica propor uma literatura negra como instrumento de resgate de uma história não contada. Apresentando a ancestralidade e potência negra a partir dos valores civilizatórios afro-brasileiros de Azoilda Trindade como base para uma educação afetiva, antirracista e afrorreferenciada. Para assim, criar referenciais positivos sobre a história das africanas e africanos que vieram para o Brasil, assim como seus descendentes. A história da ancestralidade negra não se inicia na escravização dos corpos negros. É preciso reafirmar, somos descendentes de reis e rainhas, princesas e príncipes.

Apresentar como inspiração de proposta uma breve sequência didática a partir dos livros Obá Nijô: O rei que dança pela liberdade e a África que você fala. Selecionados para desmistificar o período da escravização e a herança dos povos africanos e seus descendentes na formação do povo brasileiro e construção do Brasil.

Neste sentido, é importante sinalizar que a inspiração de proposta pedagógica aqui apresentada não foi executada. Incluída aqui para que seja analisada, refletida, criticada, modificada e praticada.

Com o compromisso de fomentar o processo de construção da identidade da criança negra a partir do afeto, com uma literatura que valorize as identidades negras, promovendo a sensibilidade para os modos plurais de ser, viver, pensar e se expressar.

2 CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA CRIANÇA NEGRA: QUE MEMÓRIAS ESTAMOS CONSTRUINDO?

A concepção sociológica da identidade aponta que a construção da identidade humana é formada a partir da interação do eu com o outro, ou seja, do eu e da sociedade. Segundo Hall (2006, p.11) “o sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o ‘eu real’, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais ‘exteriores’ e as identidades que esses mundos oferecem”.

Numa dialética social entre indivíduo e sociedade, a identidade é construída a partir da “expressão de grupos e categoriais sociais, e está indissoluvelmente ligada ao processo de socialização” (BORGES PEREIRA, 1987, p. 41).

O processo de socialização inicia-se ainda em vida intrauterina e estende-se nas demais fases da vida humana. Entretanto, é durante a primeira infância ¹ que ocorre o principal estágio desse processo. É considerada pela neurociência como etapa fundamental para o desenvolvimento integral do ser humano.

Na socialização compreendida de forma segmentada, ocorre a primeira socialização do indivíduo – socialização primária, também entendida como socialização familiar e/ou do grupo social. “Neste sentido, sem cair na idealização de família” (GOMES, 1994, p. 60), compreendendo a socialização familiar como instrumento de “mediação criança-mundo [...] seja a mãe, o pai, os irmãos mais velhos, os avós, ou mesmo não parentes consanguíneos, mas que desempenham a função de educar a criança” (GOMES, 1990, p. 60). E a socialização secundária, é o processo pelo qual a criança recebe novas formas de ler o mundo de outras instituições, como a igreja, a escola, e os meios de comunicação e mídias sociais.

No entanto, devido a globalização e a velocidade da informação o processo de socialização que outrora era visto como segmentado, cada um com o seu papel e função, vem sofrendo justamente o oposto, transformando-se num único processo.

¹ **A primeira infância é o período que abrange os primeiros 6 (seis) anos completos de vida da criança.** São nos primeiros anos de vida que ocorrem o amadurecimento do cérebro, a aquisição dos movimentos, a iniciação social e afetiva através da socialização.
Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/s/saude-da-crianca/primeira-infancia>. Acesso em:20/11/2023

Na verdade, embora seja ainda inegável a importância da família como grupo socializador, outras agências sociais e até mesmo alguns espaços competem com ela, diuturnamente, e vão se tornando demasiado fortes na sociedade atual. Uns positivos e até desejáveis, outros no mínimo discutíveis. As creches, e pré-escolas e muitas outras instituições voltadas ao atendimento de crianças de maneira geral são positivas, mas sempre passíveis de crítica. Apesar dos conflitos promovem também a socialização primária, de maneira auxiliar e complementar à família (Gomes, 1994, p. 60).

É importante ressaltar que a ideia de adjeção da socialização primária e secundária não é um conceito estabelecido e imutável. A contemporaneidade e a inserção de todo grupo familiar no mercado de trabalho formal e/ou informal conduz as crianças a creches ainda na mais tenra idade, contribuindo para o novo paradigma da socialização moderna. Incumbindo à escola na função de socializadora primária em determinados contextos.

A socialização torna possível à criança a compreensão do mundo por meio das experiências vividas, ocorrendo paulatinamente a necessária interiorização das regras afirmadas pela sociedade. Nesse início de vida a família e a escola serão os mediadores primordiais, apresentando/ significando o mundo social. (CAVALLEIRO, 2023, p. 16)

A sociedade brasileira complexada pela questão racial ²e de classe social faz com que a socialização incorra a partir do desdobramento entre socialização espontânea e socialização sistemática.

A espontânea, como se sabe, apanha o indivíduo ao nascer e o envolve até a morte. As agências corriqueiramente citadas como responsáveis por esse processo socializador confundem-se com os chamados grupos primários em diferentes graus de institucionalização e, às vezes, com distintas metas sociais (grupos famílias, vicinal, lúdico, de trabalho, gang etc.). A essa relação de grupos são costumeiramente incluídos, também, desde as agências tradicionais formadoras de opinião, como, por exemplo, a igreja e a imprensa, até os mais persuasivos e modernos mecanismos de comunicação social, como o cinema, o rádio e a tevê, que influenciam e moldam pessoas e grupos sociais atuando tanto em ambientes fechados como em locais públicos. Para usar uma expressão, ao mesmo tempo tipológica e simbólica, tais mecanismos estão presentes tanto na casa como na rua.

A socialização sistemática, que tem na escola a sua agência nuclear, alcança o indivíduo em certas faixas etárias, pré-estabelecendo o nível e o tempo máximo de escolaridade a que pode atingir. (BORGES PEREIRA, 1987, p. 41)

² Ainda que a antropologia e biologia no século XX tenham trazido a constatação de que não existe diferenças biológicas ou culturais que justifiquem um tratamento discriminatório entre seres humanos, o termo raça ainda é um fator político importante. Utilizado para naturalizar desigualdades e legitimar a segregação.

O professor e antropólogo Borges Pereira (1987) defende ainda que o acesso e permanência na escola são determinados pela condição econômica e sobretudo racial. Sendo para ele essas mesmas condições determinantes para bloquear ou desbloquear a passagem do indivíduo do plano da socialização espontânea para o da sistemática.

O processo de socialização exerce influência direta sobre o processo de construção da identidade do sujeito. Para Cavalleiro (2023, p.19) a identidade “é concebida como um processo dinâmico que possibilita a construção gradativa da personalidade no decorrer da existência do indivíduo”. Resultando na percepção que temos de nós advinda do olhar do outro, e/ ou outros meios socializadores. Para Costa Pinto e Ferreira (2014 p.264),

No âmbito das relações raciais, o olhar do outro aparece com uma importância decisiva na construção da identidade. [...] serve para categorizar as pessoas, ou seja, agrupá-las de acordo com sua especificidade, nesse caso, a de ser negro (a). E vai além disso: o olhar do outro agrega um valor a essa categorização; logo, o olhar discriminatório agrega um valor negativo ao indivíduo ou grupo especificado. Esse olhar interfere diretamente na forma como as pessoas negras se percebem, pois o indivíduo se constitui a partir desse olhar, ou seja, ele o introjeta.

A construção da identidade da criança negra é atravessada sobretudo pelo racismo ³presente em nossa sociedade antes mesmo de seu nascimento. Cavalleiro (2023) aponta que “numa relação dialética homem/sociedade, o novo membro da sociedade interioriza um mundo já posto, que lhe é apresentado com uma configuração já definida, construída anteriormente a sua existência”. (CAVALLEIRO, 2023, p. 16).

É inegável a complexidade que envolve o processo de construção da identidade da criança negra no Brasil.

Processo esse, marcado por uma sociedade que, para discriminar os negros, utiliza-se tanto da desvalorização da cultura de matriz africana como dos aspectos físicos herdados pelos descendentes de africanos. Nesse processo complexo, é possível, no Brasil, que algumas pessoas de tez clara e traços físicos europeus, em virtude de o pai ou a mãe ser negro (a), se designarem negros; que outros com traços físicos africanos, se digam brancos. (BRASIL, Ministério da Educação/Secad., 2004)

³ Podemos dizer que o racismo é uma forma sistemática dum processo que se materializa na discriminação racial negativa. Para Almeida (2019), a discriminação racial é a atribuição de tratamento diferenciado a membro de grupos racialmente identificados que leva a estratificação social e é um fenômeno intergeracional, em que o percurso de vida de todos do grupo social, o que inclui as chances de ascensão social, de reconhecimento, e de sustento material é afetado.

Se a experiência escolar amplia o repertório da criança, a interação com outras crianças, outros adultos e outros meios de conhecimento não pertencentes ao grupo familiar possibilitam, sem dúvidas, experiências muito positivas para o desenvolvimento da criança. Compreendendo a educação como um processo social. Contudo, se, na nossa sociedade predomina uma visão negativa, preconceituosa, historicamente construída e percebida e, sobretudo, sentida nas práticas sociais a respeito do ser negro⁴, que mundo está sendo lido pela criança negra? Se, “durante o processo de socialização terá por base a precariedade de modelos satisfatórios e a abundância de estereótipos negativos sobre negros” (CAVALLEIRO, 2023, p. 19). Que memórias estamos construindo na psique da criança negra? Recorremos ao conceito de memória como órgão que armazena as experiências positivas e negativas formando o patrimônio cultural de cada criança. De acordo com Andrade (2013),

a memória vinda das experiências com a escola, a igreja, os meios de comunicação [...] mantém em evidência uma clara referência ao passado escravo vivido pela ancestralidade negra no Brasil. A introjeção desse passado fragmenta negativamente a identidade da criança negra (ANDRADE, 2013, p. 119).

Para Cavalleiro (2023 p.20), a sociedade ensina como cada identidade deve ser valorizada no contexto estabelecido socialmente. Isto é, “crianças aprendem suas identidades fazendo discriminações e distinguindo elas próprias dos outros”. Assim, o racismo imprime marcas negativas na subjetividade e conseqüentemente na construção da identidade da pessoa negra, e também na dos que discriminam.

As crianças negras são diretamente afetadas pela falta de representativa positiva, de referenciais positivos sobre a história do povo negro. A escola ainda é lugar de silenciamento e negação de identidades como aponta a pesquisa *Percepções sobre Racismo no Brasil*, (2023). De acordo com Ana Paula Brandão, gestora do Projeto Sistema de Educação por uma transformação antirracista-SETA, um dos responsáveis pela pesquisa, a violência nos espaços escolares “acabam atingindo muito mais crianças negras e indígenas”. Segundo a gestora, a violência física é talvez

⁴ O ser negro na sociedade brasileira não se limita às características físicas. É aqui uma escolha política.

“O termo negro começou a ser usado pelos senhores para designar pejorativamente os escravizados e este sentido negativo da palavra se estende até hoje. Contudo, o Movimento Negro ressignificou esse termo dando-lhe um sentido político e positivo” (BRASIL, Ministério da Educação/Secad., p. 15).

a violência mais visível entre as formas de violência institucionalizada. Impedindo que crianças e jovens negros atinjam todo seu potencial e negando o direito a uma educação de qualidade.

Sabemos que é dever do Estado garantir indistintamente, por meio da educação, direitos iguais para o pleno desenvolvimento de todos e de cada um, enquanto pessoa, cidadão ou profissional. É disso que trata a Lei 10.639/2003 e suas respectivas diretrizes, a adoção de políticas educacionais e de estratégias pedagógicas de valorização da diversidade, a fim de superar a desigualdade étnico-racial presente na educação escolar brasileira, nos diferentes níveis de ensino (PERCEPÇÕES SOBRE RACISMO NO BRASIL, 2023).

Promover uma educação que entenda a problemática étnica é imperativo para se pensar um projeto de educação que contemple o desenvolvimento pleno das crianças negras e não negras.

uma educação para o entendimento das diferenças étnicas, livre de preconceitos, representa uma possibilidade real da formação de sujeitos menos preconceituosos nas novas gerações. A prevenção de práticas discriminatórias, penso, requer um trabalho sistemático de reconhecimento precoce da diversidade étnica e dos possíveis problemas que o preconceito e a discriminação acarretam em solo brasileiro desde a educação infantil-familiar e escolar (CAVALLEIRO, 2023, p. 38).

É possível construir o sentimento de pertencimento como reforço a identidade racial se a criança acumula na sua memória referenciais positivos de seu povo. A possibilidade de uma educação antirracista desde os primeiros anos escolares é para Cavalleiro (2023), um dever dos profissionais da educação, “pois as crianças dessa faixa etária ainda são desprovidas de autonomia para aceitar ou negar o aprendizado proporcionado pelo professor e tornam-se vítimas indefesas dos preconceitos e estereótipos transmitidos” (Cavalleiro, 2023, p. 38).

A educação das crianças para o respeito as diferenças, e a educação afrorreferenciada são elementos que se entrelaçam e propõem um caminho a ser seguido pelos profissionais da educação. Caminho que perpassa pela apresentação crítica da história, pelos brinquedos, pela língua falada, e pelos vários costumes compartilhados enquanto sociedade. A capacidade de afetar e ser afetado pelo entorno é condição necessária para o processo educativo voltado para a compreensão e o respeito as diferenças que compõe cada indivíduo dentro de sua subjetividade.

Ressalta-se ainda que o processo de construção da identidade é único e individual, e tem como ponto de partida o resgate de memórias, de vivências e ações ou inações cotidianas, as quais podem contribuir com uma maior compreensão de como podemos levantar existências e (re)existências.

3 LITERATURA AFROREFERENCIADA PARA (RE)EXISTÊNCIA: SOMOS DESCENDENTES DE RAINHAS E REIS, PRINCESAS E PRÍNCIPES

A literatura como reflexo e reforço das relações sociais por muito apresentou os descendentes de escravizados pelo viés de preconceito e da comiseração. Ao “caracterizar as personagens negras, negando-lhes complexidade e, portanto, a humanidade” (CUTI, 2010, p.16). No entanto, é possível que a literatura que outrora utilizada como instrumento de manutenção e promoção do racismo na sociedade, seja hoje, utilizada como reflexão sobre as coisas da vida, como destaca a escritora negra de literatura infanto-juvenil Sonia Rosa. Para ela, a literatura é elemento formador “de valores, ideias e opiniões entre os leitores de todas as idades” (Rosa, 2017, p. 20). A autora aponta, ainda, para a necessidade da conscientização dos mediadores de leitura, como, pais, professores, bibliotecários e agentes de leitura sobre a escolha de um livro para partilhar com o outro, seja criança, jovem, adulto, ou idoso, pois essa escolha, segundo ela, faz toda diferença.

Ao utilizarmos a literatura para (re)existência, entendemos que precisamos assumir de forma crítica o passado para além da presumida submissão e escravização do povo negro. Precisamos resignificar a história, reconciliá-la com as memórias e assim, possibilitarmos a existência positiva do processo de construção da identidade da criança negra. Não sob o sentimento de descendente de escravos⁵, mas de descendente de rainhas e reis africanos, princesas e príncipes. Isto é, (re) existir.

Segundo Silva (2021, p.39), a intelectual negra, Azoilda Loretto da Trindade, apontava a possibilidade de recontar a história do povo negro e sua contribuição para a construção do país através “do afeto e respeito ao conhecimento do outro e da nossa

⁵A escolha do termo Escravo e não de pessoa escravizada é empregado aqui com o intuito de resignificação da palavra, pois, a palavra fere. A ferida, ainda aberta, causa dor naqueles que a ouviram e ainda a ouvem. O intuito é trazer a dor a consciência de quem lê.

história negra marcada por lutas, vitórias, glórias, alegrias, resistência, força de vontade e heroísmo, ressignificando a leitura de África e da força dos negros que prá cá vieram”.

A literatura é um dos recursos aqui utilizados para um trabalho afrorreferenciado de construção da identidade da criança negra. É instrumento de resgate para formação de uma identidade positiva e, sobretudo antirracista, haja vista a necessidade de desconstrução de valores e esteriótipos que por séculos foram introjetados na identidade do povo negro. Segundo Silva (2021), a intelectual negra Azoilda Loretto propunha uma prática pedagógica que,

juntamente com os valores afro-brasileiros, vai compor uma nova estrutura educacional com base na compreensão dos sujeitos, nas experiências vividas, nesses corpos inseridos num sistema de invisibilidade *que dentro deste processo emergem como sujeitos visíveis*. (SILVA, 2021, p.52, grifo nosso).

Uma educação antirracista perpassa ainda sobre a aplicação e fiscalização dos dispositivos legais que versam sobre a educação étnico racial, pois contribui para a visibilidade do povo negro, suas lutas e sobretudo, conquistas.

A Lei 9.394/96 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional alterada pelas Leis nº 10.639/03 e nº 11.645/08 que incluem no currículo oficial dos estabelecimentos de Ensino Fundamental e Ensino Médio, nas redes de ensino públicas e privadas, as temáticas de História e Cultura Afro-Brasileira, africana e Indígena, e institui no calendário escolar o dia 20 de novembro como “Dia Nacional da Consciência Negra” (BRASIL, Lei 10.639/03, 2003), assim como, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana⁶ juntamente com a Base Nacional Comum Curricular - BNCC⁷ intentam para inserção crítica da história do povo negro no Brasil, e visam “acabar com o modo falso e reduzido de tratar a contribuição dos africanos escravizados e de seus descendentes para a construção da nação brasileira”

⁶ Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino da História e Cultura Afro- Brasileira e Africana tem como objetivo ampliar o debate e trazer orientações, em diversas áreas do conhecimento, sobre como apresentar e tratar dessa temática em sala de aula. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/centrais-de-conteudo/acervo-linha-editorial/publicacoes-diversas/temas-interdisciplinares/diretrizes-curriculares-nacionais-para-a-educacao-das-relacoes-etnico-raciais-e-para-o-ensino-de-historia-e-cultura-afro-brasileira-e-africana>. Acesso em: 29/11/2023

⁷ Base Nacional Comum Curricular- BNCC é um documento de caráter normativo que define o conjunto de aprendizagens essenciais a serem desenvolvidas por cada educando ao longo da etapa da educação básica. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase>. Acesso em: 29/11/2023

(BRASIL, Ministério da Educação/Secad., 2004, p. 18). Isto é, combater o racismo a partir da educação tem como base do processo a descolonização do currículo escolar, pois a história dos povos africanos quando contada pela perspectiva colonial tende a colocar o negro numa imagem cristalizada da escravização. Neste sentido, a BNCC para o ensino de História ressalta que,

A inclusão dos temas obrigatórios definidos pela legislação vigente, tais como a história da África e das culturas afro-brasileira e indígena, deve ultrapassar a dimensão puramente retórica e permitir que se defenda o estudo dessas populações como artífices da própria história do Brasil. A relevância da história desses grupos humanos reside na possibilidade de os estudantes compreenderem o papel das alteridades presentes na sociedade brasileira, comprometerem-se com elas e, ainda, perceberem que existem outros referenciais de produção, circulação e transmissão de conhecimentos, que podem se entrecruzar com aqueles considerados consagrados nos espaços formais de produção de saber (BRASIL, 2018).

As mudanças resultantes da obrigatoriedade do ensino de História da África e das culturas afro-brasileiras e indígenas nos currículos escolares só poderão ser considerados como avanço no processo de ruptura epistemológica e cultural na educação brasileira se não forem vistos como novos conteúdos escolares a serem inseridos, é sim como obrigação de uma reparação histórica a ser trabalhados ao longo de todo ano letivo.

Ao considerar as teorias sociais de raça e etnia, a teoria crítica do currículo aponta que o racismo se utiliza do texto racial no currículo escolar quando põe o negro na condição do outro, do diferente, sendo este inferior, cabendo-lhe o papel de subordinação. Para Silva (2019), é necessário problematizar “como a identidade dominante tornou-se invisível através da qual se constroem as outras identidades como subordinadas”. Dentro desse mesmo contexto, o autor aponta que essa diferenciação reduz o currículo tornando-o multiculturalista simplista e folclórico, pois trata as crenças e cultura desse outro (negro) como folclórico e inferior. No entanto, a teoria crítica busca incorporar ao currículo

estratégias de desconstrução das narrativas e das identidades nacionais, étnicas e raciais. [...] Ela não procederá por simples operação de adição, através da qual o currículo se tornaria ‘multicultural’ pelo simples acréscimo de informações superficiais sobre outras culturas e identidades (SILVA, 2019).

Nessa perspectiva crítica a diferença é uma questão histórica e política.

Descolonizar o currículo implica conflito e confronto com o já estabelecido histórica e socialmente para a produção de algo novo, para nós, novas perspectivas e narrativas sobre a história do povo negro. O conflito ocupa o centro da experiência pedagógica emancipatória (GOMES, 2012). Na perspectiva dessa autora a descolonização do currículo insere-se em processos de descolonização profundos, do poder e do saber, isto é,

Estamos diante de confrontos entre distintas experiências históricas, econômicas e visões de mundo. Nesse processo, a superação da perspectiva eurocêntrica de conhecimento e do mundo torna-se um desafio para a escola, os educadores e as educadoras, o currículo e a formação docente. [...] Esse processo poderá, portanto, ajudar-nos a descolonizar os nossos currículos não só na educação básica, mas também nos cursos superiores (GOMES, 2012, pp. 107-108)

Trata-se de apresentar a partir de uma pedagogia antirracista e decolonial⁸. E isso se dá ao apresentar que negros e negras participaram e participam efetivamente da construção do Brasil.

Portanto, é preciso entender que o racismo existe e permeia todas as instituições presentes em nossa sociedade e, isso se dá pela nossa estrutura social. O racismo afeta diretamente as instituições de ensino, pois formadoras e educadoras, são partes estruturais e estruturante do nosso país. O racismo é uma constante, e se apresenta de várias formas.

O racismo estrutural toca diretamente o âmbito escolar ao perceber que existe uma invisibilidade no acesso à produção de pessoas negras, nos materiais didáticos, nas bibliotecas, nas imagens selecionadas para compor murais, nas seleções de autores de livros paradidáticos e daí por diante, pois os alunos e alunas negras se viram na obrigação de tornar o padrão eurocêntrico como modelo de identidade. (Silva, 2021, p. 48)

Precisa a escola fazer a adoção de uma “literatura para-didática de autores negros que ajudem a desnudar a iniquidade do sistema racial brasileiro” (BORGES, 1987, p. 44). Isto é, utilizar obras que tragam visibilidade para as culturas africanas e afro-brasileiras silenciadas durante séculos. Isso se dá por uma prática acolhedora e crítica.

⁸ “A de(s)colonialidade é uma opção epistêmica, ética, estética e política que busca promover a re-historização crítica ao estudar os fenômenos sociais, considerando-os dentro de um sistema social que teve seus modos de ser e trabalhar influenciados pelas relações de exploração e dominação, desde o período colonial. Reconhece-se uma dimensão que ainda perdura nas relações de poder, do ser e do saber estabelecidas nos países latino-americanos” (VOSS & PELOSO, 2021, p. 46)

A literatura pode atuar como mecanismo de autorrepresentação, de autoressignificação e construção de novas simbologias. É urgente destacar a pluralidade de existências que se encontram e discordam no cenário multicolorido das pedagogias contemporâneas de (re)existência, pois esta ação impacta diretamente o presente e o futuro da criança negra e influência no processo de construção da identidade e da autoaceitação.

Azoilda Trindade propõe como caminho para uma educação antirracista os valores civilizatórios afro-brasileiros que destacam a África, a sua diversidade e o fato de que os africanos e africanas que vieram para o Brasil e seus descendentes brasileiros, implantaram, marcaram e instituíram valores civilizatórios neste país (SILVA, 2021, p.52).

De acordo com Silva (2021), os valores civilizatórios afro-brasileiros se interpenetram, obdecendo fluxos e conexões que se dão na cotidianidade, inscritos na nossa memória, modo de ser e viver.

Reconhecemos a importância do Axé, da ENERGIA VITAL, da potência de vida presente em cada ser vivo, para que, num movimento de CIRCULARIDADE, esta energia circule, se renove, se mova, se expanda, transcenda e não hierarquize as diferenças reconhecidas na CORPOREIDADE do visível e do invisível. A energia vital é circular e se materializa nos corpos, não só nos humanos, mas nos seres vivos em geral, nos reinos animal, vegetal e mineral. "Na Natureza nada se cria, tudo se transforma", "Tudo muda o tempo todo no mundo", "... essa metamorfose ambulante". Se estamos em constante devir, vir a ser, é fundamental a preservação da MEMÓRIA e o respeito a quem veio antes, a quem sobreviveu. É importante o respeito à ANCESTRALIDADE, também presente no mundo de territórios diversos (TERRITORIALIDADE). Territórios sagrados (RELIGIOSIDADE) porque lugares de memória, memória ancestral, memórias a serem preservadas como relíquias, memórias comuns, coletivas, tecidas e compartilhadas por processos de COOPERAÇÃO e COMUNITARISMO, por ORALIDADES, pela palavra, pelos corpos diversos, singulares e plurais (CORPOREIDADES), pela música (MUSICALIDADE) e, sobretudo, por que não, pelo prazer de Viver - LUDICIDADE (BRANDAO e TRINDADE, 2010, p.14)

Articular os valores civilizatórios afro-brasileiros na educação básica é apresentar e compreender o mundo a partir da ancestralidade e africanidades que se potencializaram em território brasileiro.

4 PROPOSTA PEDAGÓGICA

Como a criança negra reconhece-se no passado e imagina-se no futuro. Que memória estamos construindo?

Nossa inspiração de proposta pedagógica sugere uma sequência literária negra que perpassa pelos valores civilizatórios afro-brasileiro com a finalidade de auxílio na construção da identidade da criança negra como já exposto. Tencionando a construção de um currículo emancipatório, antirracista, afrorreferenciado e que valorize a nossa diversidade étnico-cultural.

Trazemos os valores civilizatórios afro-brasileiros na nossa proposta pois os compreendemos como fios que se entrelaçam e traduzem a presença, influência e participação da população africana e afrodescendente na construção do Brasil sob uma perspectiva crítica e positiva. A escolha inicial do livro *Obá Nijô: o rei que dança pela liberdade* de Narcimária Luz e ilustrações de Ronaldo Martins se dá pela sua magnitude e por trazer referenciais de identificação positivos que promovem a autoestima e possibilita a reconstrução de valores culturais e de identificação a partir dos valores civilizatórios afro-brasileiros em sua totalidade. São eles: Oralidade; Energia Vital (Axé); Ludicidade; Memória; Ancestralidade; Territorialidade/ Território; Cooperativismo/ Comunitarismo; Musicalidade; Corporeidade; Religiosidade; e Circularidade. É importante destacar que os valores se imbricam, se interseccionalizam, não são estanques na sociedade (BRANDÃO & TRINDADE, 2010, p. 9). No anexo A é possível contemplar excertos para melhor compreensão. No entanto, ressaltamos que foi feito um recorte dos dois primeiros capítulos do livro, não sendo cópia integral da obra. Como leitura secundária sugerimos o livro “A África que você fala” de Claudio Fragata e ilustrações de Mauricio Negro por entendermos que as palavras têm o poder de afetar o outro, e assim desejamos com a apresentação da nossa herança africana falada no nosso modo de ser e viver.

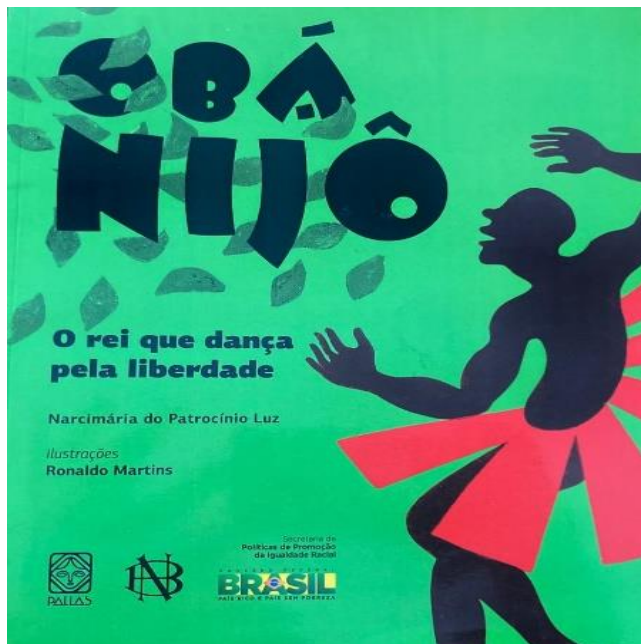
É importante destacar que a ordem da contação é intencional e objetiva, pois concluímos que uma obra complementa a outra possibilitando um alcance maior na subjetividade de cada criança. Sugerimos como leitura primária a obra *Obá Nijô: o rei que dança pela liberdade* (Luz, Narcimária do Patrocínio ; Ilustrações Ronaldo Martins, 2014); e como leitura secundária *A África que você fala* (Fragata & Negro, 2020).

Para início e continuidade do tema com responsabilidade afetiva é necessário um trabalho de fortalecimento do eu da criança preta, com uma narrativa que perpassse pelos reinos pré-colonização, abordando as tecnologias tradicionais, organização dos reinos e valores civilizatórios antes em África. O condutor da proposta precisa conhecer para que a sua fala seja a potência condutora desse fortalecimento.

Ressaltamos ainda a importância da leitura prévia das obras, haja vista a grande diferenciação ou possível sutileza, para alguns entre: ler, contar e narrar⁹. É preciso dar vida às palavras, isto é, dizê-las com vigor, energia (Axé).

A proposta desta atividade propõe a leitura do livro: Obá Nijô: o rei que dança pela liberdade.

Figura 1



Fonte: Capa do livro Obá Nijô: o rei que dança pela liberdade

⁹ Para elucidação ver Entre textos e afetos: formando leitores dentro e fora da escola, (ROSA 2017, p. 43)

Nível de ensino: 5º ano do Ensino Fundamental

Duração: Optamos por não determinar um tempo de duração específico para as propostas de atividades, pois entendemos que por se tratar da construção da identidade da criança negra uma possível sugestão pode não ser suficiente, haja vista a complexidade do tema e a possibilidade de interconexões com outras propostas a surgir no decorrer das atividades e a partir do interesse da turma e outras disciplinas.

Tema: Literatura para (re)existências

Problema: Como a criança negra reconhece-se no passado e imagina-se no futuro. Que memória estamos construindo?

Objetivo Geral: Construção da identidade da criança negra, pertencimento, construção do eu e autoafirmação, construção de memória com o passado ancestral.

Objetivos Específicos: Apresentar o conceito de ancestralidade através da história Obá Nijô, o rei que dança pela liberdade. Assim como positivar a cultura ancestral de cada criança.

Conceitos/Noções:

Oralidade como prática Africana de perpetuação da cultura e identidade de um povo.

Conteúdos:

- Construção da identidade da criança negra- atitudinal;
- Valorizar a cultura Afrodescendente e a ancestralidade- fato histórico;
- Romper com estereótipos e preconceito cultural e racismo religioso – conceituais;
- Positivar o lado negro de cada criança, positivar o passado criticamente para além da escravização. –Atitudinal.

Atividade: Identidade em construção: tecendo histórias afirmativas.

Tema: A oralidade como ato de resistência

Materiais: Livro Obá Nijô: o rei que dança pela liberdade; folha de cartolina em tamanho A4; canetinhas tons de pele e cores diversas; lápis de colorir tons de pele e cores diversas; gizes de cera artístico tons de pele e cores variadas; pincéis, tintas, lã e elementos da natureza.

Como fazer: Sentar-se em roda, no chão do pátio, de preferência em contato com a terra. Conduzir as crianças a um processo de desaceleração a partir do processo de respiração e expiração.

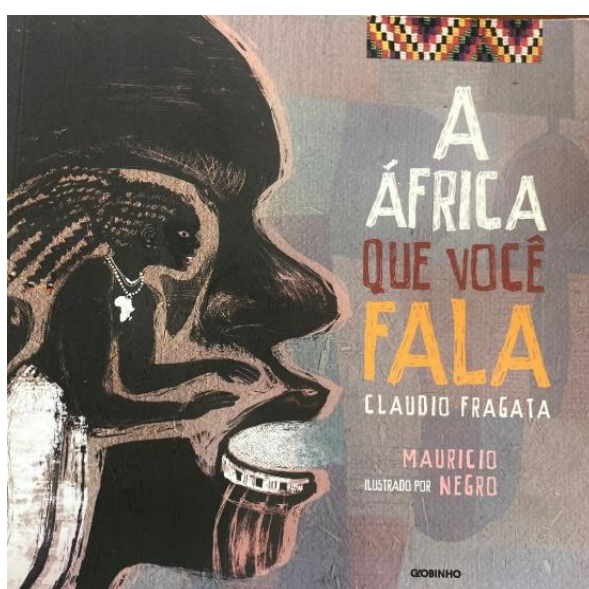
Iniciar a leitura do livro Obá Nijô: O rei que dança pela Liberdade, dependendo do nível de leitura da turma o livro poderá ser retomado ao longo dos dias da semana a cada capítulo. Após a contação entregar os materiais e pedir que cada criança se expresse de forma livre e lúdica utilizando-se dos diversos materiais cores e nuances para o desenho e/ ou pintura afim de possibilitar um trabalho de expressão da identidade.

Valores civilizatórios afro-brasileiros: Oralidade; Energia Vital (Axé); Ludicidade; Memória; Ancestralidade; Territorialidade/ Território; Cooperativismo/ Comunitarismo; Musicalidade; Corporeidade; Religiosidade; e Circularidade.

A proposta desta atividade propõe a leitura do livro: O que há de África em nós?

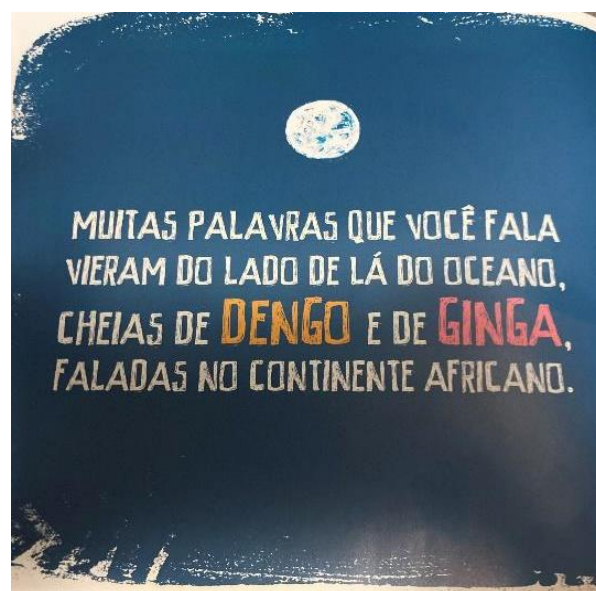
As figuras apresentadas a seguir são recortes de partes do livro, não se caracterizam cópias fiéis da obra.

Figura 2



Fonte: Capa do livro A África que você fala

Figura 3



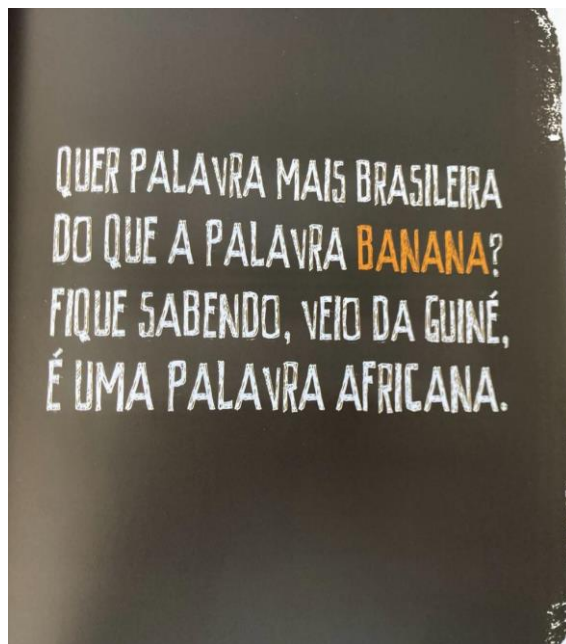
Fonte: Página 4 do livro A África que você fala

Figura 4



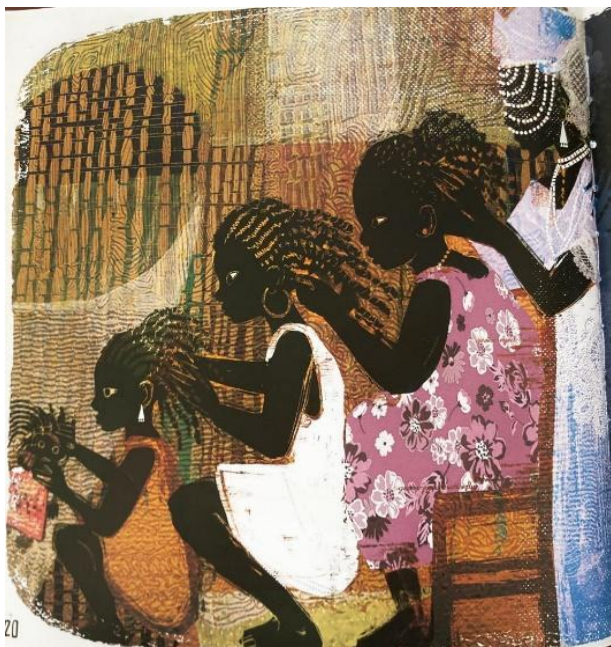
Fonte: Página 10 do livro A África que você fala

Figura 5



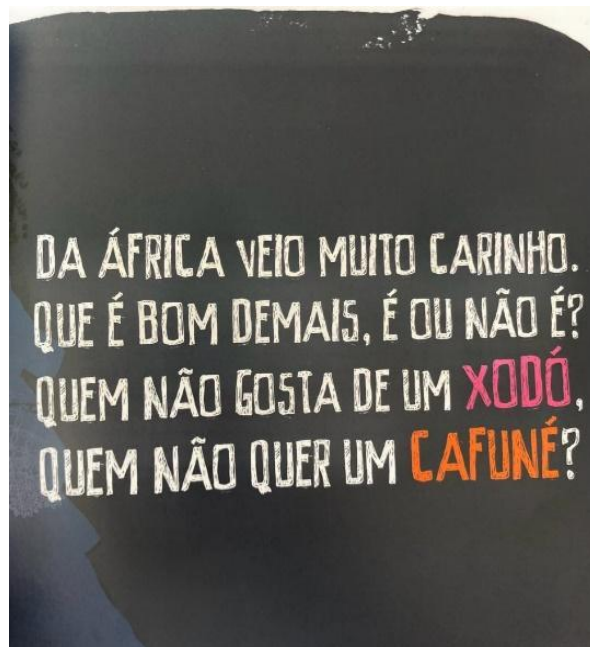
Fonte: Página 11 do livro A África que você fala

Figura 6



Fonte: Página 20 do livro A África que você fala

Figura 7



Fonte: Página 21 do livro A África que você fala

Atividade: Brasil - África acionando e construindo memórias. Esta atividade propõe fortalecer a história pessoal de cada um, seus reconhecimentos, vínculos familiares e afetivos.

Tema: “Quem não sabe de onde vem, não sabe para onde vai”.

Materiais: Livro “O que há de África em nós?”, folha A4 e caneta para anotar os nomes e os relatos, sementes, folhas, areia, tinta colorida, tampinhas, recortes, pincéis, embalagens e tecidos para recortar. 2 folhas de papel Craft folha grande (66 x 96) com os contornos dos mapas da África e do Brasil desenhados — veja o desenho para fazer a reprodução do contorno.

Como fazer: sentar-se em roda e apresentar o mapa do Brasil, peça para que cada um fale para o grupo ou para um amigo sobre o seu nome, significado, sua história, de onde é, e de onde vem sua família. Num bate-papo informal tecendo aprendizados fale sobre o processo de migração de famílias do norte e nordeste para o sudeste por exemplo. Neste momento de trocas é importante que o responsável pela proposta esteja atento as falas para mediar e enaltecer pequenos recortes da história de vida de crianças negras, pois devido ao apagamento histórico podem não ter o que contar. No entanto, a proposta se faz importante para que histórias sejam buscadas em família, contadas e recontadas mesmo que para alguns não faça diferença.

Posteriormente apresente o mapa do continente Africano e converse sobre o contexto migratório da escravização como já apresentado nas leituras anteriores. Utilizando como base os mapas do Brasil e da África, fale sobre a vinda das africanas e africanos escravizados. Mostre, nos mapas, as regiões da África de onde eles saíram e as regiões do Brasil onde aportaram. Falar um pouco sobre esse processo.

Após a apresentação dos mapas disponibilize os materiais e faça a divisão da turma em dois grupos. Peça para os grupos que decorem os mapas com os materiais fornecidos de forma que fiquem bem coloridos e com diferentes texturas para mostrar a riqueza das culturas africana e brasileira. No decorrer da atividade, converse sobre todos os valores que foram trazidos e trocados neste processo de imigração.

Valores civilizatórios Afro-brasileiros: Ancestralidade; Circularidade; Oralidade; Memória; Territorialidade/ Território.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como objetivo as reflexões e implicações sobre a construção da identidade da criança negra a partir dos atravessamentos raciais e sociais.

A compreensão da construção da identidade como processo único e individual tem como ponto de partida o resgate do conceito de memória como órgão que forma o patrimônio cultural de cada pessoa. Isso se dá pelas experiências sociais, na interação com a família, a escola, a igreja, os meios de comunicação e com a sociedade e suas expressões orais como piadas, músicas, vaias, dentre outras que mantêm em evidência referências negativas sobre o que é ser negro, e referências negativas e fragmentadas sobre o passado escravo vivido pela ancestralidade negra no Brasil. As quais influenciam negativamente no processo de construção da identidade da criança negra. Impedindo que se reconheça no passado e projete-se no futuro.

Como base para uma educação antirracista e afrorreferenciada propomos a Literatura como instrumento de resgate da identidade racial, a partir de livros que enaltecem a história do povo negro e traz valores positivos sobre a ancestralidade negra que resistiu a partir da força ancestral e inteligência para criar mecanismos de manutenção da memória e formas de ser e viver. Isto é, os valores civilizatórios afro-brasileiros.

A inspiração de proposta pedagógica utilizou-se dos livros de literatura infanto-juvenil *Obá Nijô: O rei que dança pela liberdade* (Luz, Narcimária do Patrocínio ; Ilustrações Ronaldo Martins, 2014) e *A África que você fala* (Fragata & Negro, 2020) como recurso metodológico de referenciais positivos sobre a história do povo negro no Brasil. Se a criança acumula na memória referências positivas de seu povo, o que se espera é o sentimento de pertencimento e autoaceitação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, W.; FRAGA, W. (2013). **O que há de África em nós?** (1 ed.). São Paulo: Moderna.

ALMEIDA, S. L. (2019). **Racismo Estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Polén.

ANDRADE, I. P. (2013). **Construindo a auto-estima da criança negra**. pp. 117-125.

BORGES Pereira, J. B. (Novembro de 1987). **A criança negra: identidade étnica e socialização**. Cadernos de Pesquisa nº63, pp. 41-5.

BRANDÃO, A.; TRINDADE, A. L. (2010). **Modos de brincar : caderno de atividades, saberes e fazeres**. Fundação Roberto Marinho.

BRASIL, Lei 10.639/03. (09 de JAN de 2003). **Torna obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, e institui o dia 20 de novembro "Dia Nacional da consciência Negra"**. Brasília, DF, Brasil. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm. Acesso em: 30 nov.2023

BRASIL, Lei 11.645/08. (10 de MARÇO de 2008). **Torna obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena**. Brasília, DF, BRASIL. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm. Acesso em: 30 nov.2023.

BRASIL, Ministério da Educação/Secad. (2004). **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília: Ministério da Educação. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/centrais-de-conteudo/acervo-linha-editorial/publicacoes-diversas/temas-interdisciplinares/diretrizes-curriculares-nacionais-para-a-educacao-das-relacoes-etnico-raciais-e-para-o-ensino-de-historia-e-cultura-afro-brasileira-e-africana>. Acesso em: 20 nov.2023.

BRASIL; Ministério da Educação. (06 de Março de 2018). **Base Nacional Comum Curricular**. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase>. Acesso em: 28 nov.2023.

CAETANO, Janaina Oliveira; CASTRO, Helena Carla; GOMES, Suzete Araújo Oliveira; (2022). **Dandara, a guerreira de Palmares** (1 ed.). São Paulo: A Arte da Palavra.

CAVALLEIRO, E. D. (2023). **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil** (6 ed.). São Paulo: Editoracontexto.

COSTA PINTO, M. C.; FERREIRA, R. F. (2014). **Relações Raciais No Brasil E A Construção Da Identidade**. Pesquisas e Práticas Psicossociais-PPP v.9, n.2, pp. 256-266.

CUTI, L. S. (2010). Literatura Negro-Brasileira. São Paulo: Selo Negro.
de Oliveira, K.; França, i. A. (2023). **Omo-Oba: histórias de princesas e príncipes** (1 ed.). São Paulo: Companhia das Letrinhas.

FIGUEIREDO, A. (02 de Jan./abr. de 2020). **Epistemologia insubmissa feminista negra decolonial**.

FRAGATA, C.; NEGRO, i. M. (2020). **A África que você fala** (1 ed.). Rio de Janeiro: Globinho.

GOMES, J. V. (1990). **Socialização: Um problema de mediação?** Psicologia-USP, pp. 57-65.

GOMES, J. V. (Novembro de 1994). **Socialização Primária: Tarefa familiar?** Caderno de Pesquisa n°91, pp. 54-61.

GOMES, N. L. (Jan/Abril de 2012). **Relações étnicos raciais, Educação e descolonização dos currículos**. Currículos sem Fronteiras, 12(n.1), pp. 98-109.

HALL, S. (2006). **A identidade cultural na pós modernidade** (11 ed.). (T. T. Da Silva, & G. L. Louro, Trans.) Rio de Janeiro: DP&A.

KILOMBA, G. (2019). **Memórias da Plantação: Episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó.

LUZ, Narcimária do Patrocínio ; Ilustrações Ronaldo Martins. (2014). **Obá Nijô: o rei que dança pela liberdade** (1 ed.). Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: Pallas: Biblioteca Nacional.

PEREGUM, I. d.; P. S. (2023). **Percepções sobre Racismo no Brasil**. IPEC – Inteligência em Pesquisa e Consultoria Estratégica. Disponível em: <https://percepcaosobreracismo.org.br/>. Acesso em: 20 nov.2023.

ROSA, Sonia. (2017). **Entre textos e afetos: formando leitores dentro e fora da escola**. Rio de Janeiro: Malê.

ROSA, Sonia; ilustrado por Simone Matias. (2016). **Zum zum zumbiiiiiiii : história dos Palmares para crianças**. Rio de Janeiro: Pallas MINI.

SILVA, G. R. (2021). **Azoilda Loretto da Trindade o Baobá dos valores civilizatórios afro-brasileiros**. Rio de Janeiro: Metanoia.

VOSS, G. C.; PELOSO, F. C. (set./dez. de 2021). **De(s)colonial artístico como potencialidade de recriação de mundos: lugares de re-existir e re-pensar a si**. PerCursos, 22(n.50), pp. 43-64.

ANEXO A

A história que você vai conhecer foi inspirada em fatos reais e aconteceu muito tempo atrás, num lugar muito lindo e especial no nordeste do Brasil, conhecido como Itapuã, na cidade de Salvador, na Bahia. A origem do nome Itapuã é tupi-guarani. Ita significa pedra, e puã, ronco, gemido.

Itapuã faz referência a uma grande pedra erguida acima das águas, na margem do oceano, que tinha no seu interior uma cavidade que permitia a entrada da água do mar. Quando a maré ia vazando devagarinho, um grande ronco se expandia de Itapuã até outros bairros de Salvador.

Na sua história, Itapuã abrigou muitos quilombos, que implantaram o modo de vida africano. Em geral eram organizados nas matas e dunas envolvendo a lagoa do Abaeté e toda a sua extensão.

É nesse espaço de quilombos em Itapuã que, no século XIX, nasceu e cresceu um menino que se tornou um grande guerreiro na história da Bahia, porque lutou para devolver a liberdade ao seu povo. O nome dele, nessa história que você lerá, é Obá Nijô, que na língua iorubá significa o rei que dança.

Na tradição africana, o rei deve ter o dom da dança! Todos admiram e respeitam a liderança de um rei que tenha capacidade de dançar agregando pessoas, transmitindo afeto, solidariedade, alegrias, dramatizando a vida, ensinando valores que promovem alianças e trazem a harmonia na comunidade.

A dança do rei sempre está em sintonia com as forças da natureza, representadas pelos orixás, e também com as dos ancestrais. Todas essas forças inspiram o rei, dando-lhe a capacidade de comando para que a comunidade se fortaleça e se expanda. A liderança de Obá Nijô, através da dança, fez com que a população de africanos e seus descendentes em Itapuã conquistassem a liberdade que foi retirada pela escravidão.

A todo tempo os africanos e seus descendentes disseram:

- Escravidão, não!

Em Itapuã havia armações de pesca que utilizavam a exploração de africanos escravizados. Foi nesse cenário de sofrimento e dor, causado pela escravidão que Obá Nijô organizou uma grande rebelião que incentivou a realização de muitas outras na Bahia do século XIX, reunindo guerreiros de várias etnias africanas, de diferentes lugares de Salvador e do Recôncavo.

A liberdade alcançada pelos afro-brasileiros hoje, deve-se a essas gerações de quilombolas que desde o século XVI implantaram formas de enfraquecer o sistema escravista, exigindo o direito à liberdade inclusive dos seus descendentes. Então se preparem para conhecer essa emocionante história!

Ojá

O mercado está em festa com o anúncio do nascimento do rei

Itapuã era cercado pelo mar, por rios, dunas e matas que têm bichos de tudo quanto é espécie. Há também um grande mercado, o Ojá, como é conhecido pelo povo iorubá. Pois bem, o Ojá é um lugar importante, pois foi através dele que

Itapuã surgiu, transformando-se numa vila que vivia também da produção das armações de pesca.

O Ojá é um lugar importante na vila, pois lá circulam variedades de mercadorias, trocas, dinheiro, notícias dos quatro cantos do mundo. É onde acontecem encontros, contam-se histórias sobre a fundação das cidades e das famílias fundadoras de Itapuã, enfim, é um lugar muito divertido, movimentado, colorido, repleto de cores, odores e sabores que sustentam a vida.

No mercado circula Exu, força, princípio que governa o mercado e toda circulação de vida que ele contém. Exu, princípio da comunicação, organiza e dá ritmo ao mercado, daí o nome de Olójoa, o dono e senhor do mercado. Os caminhos que atravessam o mercado, se encontram formando encruzilhadas, que têm a presença do Olójoa e são pontos importantes para que a comunicação aconteça entre as pessoas.

No mercado, as pessoas andam por variados caminhos repletos de aromas, sabores, texturas, formas, cores... Encontramos peixes e mariscos, coco, azeite de dendê, gengibre, ovos, linguiças, amendoim, cebola branca, feijão-verde e andu, peixe seco no espeto, toucinho, fubá de milho, objetos em cerâmica, cabeleireiros, adivinhos, ervas medicinais, comidas e bebidas variadas, jogos, músicas, danças, castanha de caju, frutas diversas, verduras, maniçoba, moqueca de peixe, moqueca de camarão, sarapatel, mocotó, feijoada, meninico de carneiro, obi,

orobô, os búzios da Costa, contas, coral, sabão da Costa, pimenta da costa, bolinhos de aipim, milho cozido e assado, açaçá, acará, inhame, balaio, esteiras, fumo de corda, cordas de embira e de piaçaba, mocós, aves e outros bichos, quartinhas, adereços, emblemas, vestuários, capoeiras, músicos, poetas...

Enfim, o mercado todos comentavam com satisfação sobre o nascimento de Obá Nijô. É nesse ambiente do mercado que toda

Itapuã toma conhecimento e se enche de alegria ao saber do nascimento de Obá Nijô, filho de Ologbon, um africano conhecido como o dono da sabedoria, e de Ayó, uma africana cujo nome significa alegria.

Toda a comunidade estava em festa aguardando o nascimento da criança, cuja vinda era anunciada pelas ondas do mar, pelas águas que corriam cintilantes nos rochedos, pelo vento que acariciava as folhas das árvores, pelos cantos dos pássaros e seus voos animados.

Uma grande fogueira foi armada no centro da vila, aguardando a noite chegar para começarem as comemorações que só poderiam acontecer nesse horário, o único em que a repressão do feitor e dos capitães do mato que serviam aos donos das armações de pesca diminuía um pouco.

O clima de expectativa pela chegada dessa criança, esperada para ser líder, trazia muita euforia entre os moradores de Itapuã.

A pedra Itapuã roncou inquieta! O ronco de Itapuã soava forte, dando ritmo aos atabaques que percutiam a música que embalava as danças na beira da praia. As mulheres prepararam uma mesa farta com iguarias feitas com frutos do mar e da terra.

Tudo em volta comunicava a alegria da chegada do pequenino

Obá Nijô!

O babalaô comunica a todos que Obá Nijô nasceu, e que o seu destino é aproximar as pessoas das histórias dos ancestrais, para que nunca esqueçam suas origens, animando todos a nunca desistirem do direito à liberdade de SER.

–Escutem todos! Esse menino veio ao mundo com um dom

valioso. Esse dom trará para todos nós o orgulho e altivez que precisamos para alcançarmos nossa liberdade - disse o babalaô.

Ologbon e Ayó, radiantes com o nascimento do filho, consultando o babalaô sobre o destino do filho, deram-lhe o nome de Obá Nijô, que significa "aquele que carrega no seu coração e em todos os sentidos do seu

corpo o ritmo, o compasso e a cadência da dança que nasce no alvorecer da humanidade".

É o menino que carrega as danças dos ancestrais! O rei que dança assegurando a continuidade e integridade da comunidade.

Todos comemoram cantando, dançando...

– Bem vindo, Obá Nijô! - Diz o arokin, o contador de histórias, pessoa muito importante e respeitada por essa função que desempenha na comunidade. Ele representa a memória viva, a história viva de cidades, reinos, comunidades, famílias, linhagens e instituições. As histórias apresentadas pelo arokin são poéticas e dramatizadas.

E assim, o arokin, começa a contar para toda a comunidade a história dos antepassados, africanos e africanas, que renasce em Obá Nijô.

Obá Nijô!

O rei que nasce trazendo consigo

A dança que comunica a esperança

A liberdade para a sua comunidade.

obá Nijô!

Dança a continuidade da herança dos nossos ancestrais

Dança que traz a lembrança de tempos imemoriais

O rei que dança as histórias de um mundo extraordinário

Obá Nijô!

Corpo em movimento

Pés, mãos, cabeça..

Muitas tranças, esculpindo no ar tempos de bonança e confiança

Na liderança do menino rei que com muita habilidade

Cria laços de amizade e solidariedade

Dando orgulho a toda a comunidade

Obá Nijô!

Dança criando as alianças que promovem mudanças

Coração bate forte diante do mistério da vida

Dança trazendo a memória viva dos povos da África

Salve Obá Nijô!

Foi com essa recepção calorosa e cheia de afeto, através da dramatização poética do arokin e de toda a comunidade, que chegou Obá Nijô!

Assim o menino cresceu cercado com muito carinho e cuidado de todos, aproveitando

os ensinamentos dos mais velhos, aprendendo conhecimentos profundos dos ancestrais sobre a vida que vinha do mar, dos rios, das dunas e das matas, na convivência com os bichos da terra, da água e do ar.

Obá Nijô aprendeu os segredos e mistérios, legado dos antepassados, e, desde

Okun Odo Dançando com as Iyás Agbás, as mães ancestrais

Todos os dias Obá Nijô ia com as outras crianças para a praia acompanhar seu pai e os pescadores de Itapuã para ajudar na puxada de rede, na seleção dos peixes para compartilhar na comunidade, limpar a rede e ajudara remendá-la.

Seu pai, Ologbon, era um exímio pescador e assumia a função de mestre da terra, o responsável por organizar a chegada dos peixes na beira da praia e o comércio dos frutos do mar no mercado, e por prestar contas ao dono da armação de pesca.

A mãe de Obá Nijô, Ayó, e as outras mulheres de Itapuã, trabalhavam como ganhadeiras, vendendo peixes e quitutes, e também como lavadeiras no Abaeté.

Com seu pai e os mais velhos, aprendeu todas as cantigas e as danças que homenageiam as Iya Mi Agbá, as mães ancestrais, e as cantigas da puxada de rede.

Certa vez, Obá Nijô corria pela praia quando ouviu lá do fundo do mar uma voz doce chamando pelo seu nome.

—Obá Nijô! Obá Nijô! Menino rei que tem o dom magnífico da dança ancestral. Cante e dance para mim.

Ele parou, surpreso e pensou: como uma voz vinda do mar conhecia seu nome e sabia que a dança era a sua força?

Quando ele ouviu novamente seu nome, entendeu que era lemanjá, a mãe dos filhos-peixe, que o estava observando.

criança, sabia que seu destino era proteger seu povo, e a dança era o dom, a força guerreira que ele carrega

Assim fez Obá Nijô. Lembrou dos ensinamentos das canções e danças que aprendeu com seu avô e seu pai, e cantou com o coração cheio de alegria.

**Iyalode ire se
Iyalode que faz coisas boas
Oni e lemanjá
É lemanjá
A potapel egbé
A mais alta do egbé
A oro**

**Nós fazemos rituais em
homenagem**

**Ivá odorofin
Mãe do rei
Aso vê vê
Roupas que contém pássaros**

Ele dançou como aprendeu desde pequenino.

Transformou-se num filho-peixe!

Mergulhou no mar e fez seu corpo dramatizar os movimentos das ondas do mar, as reviravoltas da água, às vezes fraquinha, outras intensa; imitava o nado dos peixinhos a sua volta...

A leveza e elegância da sua dança cativava, emocionava...

Quando ele parou de dançar e cantar, abraçou o mar e recebeu de lemanjá o axé para fortalecer seu corpo e espírito..

No final, lemanjá, muito orgulhosa de Obá Nijô, advertiu:

—Que bom, meu filho, saber que você conhece a sua força e sabe usá-la com a sabedoria dos ancestrais. Prepare-se porque você vai precisar dela para assegurar a alegria e a liberdade de seu povo. Nunca esqueça que você nasceu para ser rei. A sua

dança lhe dá autoridade e respeito de um rei. Você dança como um poderoso rei africano! Uma coisa importante: não contar para todo mundo, você perderá a força que lhe foi trazida do fundo do oceano e que lhe dará ânimo e condições para libertar um dia seu povo.

A alegria de ter deixado lemanjá orgulhosa fez com que Obá Nijô chegasse em casa eufórico, deixando todo mundo curioso, mas ele teve a cautela de não revelar o mistério que viveu no mar.

Alguns dias depois, Obá Nijô foi com outras crianças da comunidade tomar banho de rio e cachoeira. Muitas brincadeiras envoltas em sorrisos deram o tom desse encontro nas águas correntes e cristalinas do rio.

Quando já estava se despedindo de seus amigos no rio, Obá Nijô ouviu uma voz muito serena e doce chamando-o, igual à experiência que ele teve na praia. Só ele ouvia, e seus amiguinhos nem prestaram atenção quando ele se distanciou para ficar mais perto da cachoeira,

– Obá Nijô! Obá Nijô! Cante e dance para mim.

Ele olhava admirado para a cachoeira de onde vinha a voz e reconheceu Oxum.

Obá Nijô atendeu prontamente o pedido de Oxum, lembrando-se das cantigas e danças para Oxum que os mais velhos lhe ensinaram.

Ô igi igi ota omi ô

Ô igi igi ota omi

Iyá agbá odô

Igi igi a okun maa

Ô igi igi ota omi

A pedra da água é poderosa

comente com ninguém o que aconteceu aqui. Esse é o nosso segredo. Se você

A pedra da água é poderosa

Mãe ancestral do rio

Seus filhos saúdam seu poder

A pedra da água é poderosa

Ora iê iê ô!

Foi assim que Obá Nijô dançou para Oxum, mergulhando no rio.

Todo o seu corpo se transformou, assumindo o ritmo e movimentos que lembravam a correnteza e as magníficas quedas-d'água.

Ah! Que delícia é dançar com a força da correnteza das águas do rio e com as quedas-d'água!

Quando terminou de cantar e dançar, mergulhou no rio e se banhou na cachoeira, recebendo as bênçãos de Oxum.

Oxum lhe disse:

–Não esqueça que você carrega, no seu coração e no seu corpo, a força das águas do rio e toda a vida que nele corre.

Você vai precisar um dia dançar como o rio para preservar a vida e a liberdade de seu povo.

Oxum lhe fez a mesma recomendação de lemanjá.

–Não comente com ninguém o que aconteceu aqui.

Obá Nijô entendeu que esse segredo das Iyás Agbás era para assegurar o axé que ele precisaria para continuar dançando e, através da dança, tornar-se um dia um importante guerreiro que dança pela liberdade.